

Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo

Jerusa Colombo Baldessar¹

Amanda Castro²

Resumo

A pesquisa verificou as representações sociais da adoção tardia para os pretendentes ao cadastro de adoção de Criciúma/SC de 2018. Participaram 55 pretendentes. Utilizou-se o teste de evocação livre e o teste de objetificação. Para análise do teste de evocação livre utilizou-se o software Iramuteq, já o teste de objetificação forneceu dados estatísticos a respeito da escolha pelas imagens. Os resultados mostram que a adoção tardia se vincula ao amor e ao medo, à caridade, ao preconceito e a rebeldia. A técnica de objetificação demonstrou que os adotantes terminam o curso com uma imagem mais positiva desse tipo de adoção.

Palavras-chave

Adoção; Adoção tardia; Representações sociais.

Late adoption social representations: love connected to fear

Abstract

The research verified the social representations of late adoption for applicants to the 2018 Criciúma / SC adoption register. 55 applicants participated. The free evocation test and the objectification test were used. For free evocation test analysis, Iramuteq software was used, while the objectification test provided statistical data regarding the choice of images. The results show that late adoption is linked to love and fear, charity, prejudice and rebellion. The objectification technique demonstrated that adopters finish the course with a more positive image of this type of adoption.

Keywords

Adoption; Late Adoption; Social representations.

Artigo recebido em agosto de 2019

Artigo aceito em novembro de 2019

Introdução

“A adoção é uma filiação jurídica na qual é formado um parentesco civil sustentado pela afetividade” (SOUZA; CASANOVA, 2014, p.53). Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Art. 39, § 1º, “[...] é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa” (BRASIL, 1990).

Trata-se de um ato jurídico pelo qual o vínculo de filiação é criado artificialmente. Gera sem vínculos sanguíneos nem afinidade, o parentesco de primeiro grau em linha reta descendente. É uma nova forma de constituir família, saindo do tradicional e oportunizando a possibilidade de exercitar a maternidade e paternidade afetivas (SOUZA, 2008).

Concluído o processo, a inscrição consignará o nome dos adotantes como pais do adotando, bem como o nome de seus ascendentes. O mandado judicial, que será arquivado, cancelará o registro original do adotado (ECA, Art. 47, § 1º e 2º) (BRASIL, 1990).

Embora se tratando de uma prática antiga, a adoção por meios legais no Brasil foi regulamentada com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, que introduziu inovações e diretrizes, facilitando e sistematizando o processo. A partir das normativas de proteção à criança e ao adolescente, surge no país um cenário marcado pelo “melhor interesse da criança”, que preconiza que se deve buscar “uma família para uma criança e não uma criança para uma família” (COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2007, p. 426). Sobre este aspecto, Costa e Rossetti-Ferreira (2007, p. 427) complementam ainda que “embora as práticas de adoção sejam historicamente antigas, vivenciamos um momento novo (ao menos do ponto de vista legal), em que a criança está em foco e sendo proposta como sujeito de direitos”.

Cada adoção possui a sua particularidade, mas no geral, elas ocorrem nos seguintes moldes (SOUZA, 2008):

- a. Adoção conjunta (por casais)
- b. Adoção monoparental (por solteiros)
- c. Adoção precoce (de bebês)
- d. Adoção tardia (crianças com mais de 2 anos)
- e. Adoção de crianças com deficiências
- f. Adoção inter-racial
- g. Adoção por casais homoafetivos
- h. Adoção de grupo de irmãos
- i. Adoção internacional
- j. Adoção unilateral (por um dos cônjuges)

A adoção de crianças com mais de dois anos é a chamada “adoção tardia”, onde os novos pais recebem uma criança que, em geral, já fala, se alimenta sozinha, e que tem também uma história de vida, na qual existe abandono, sofrimento e tristeza. É por isso considerada uma adoção que tem características especiais (SOUZA, 2008).

Souza (2008, p. 48) complementa que

A criança mais crescida compreende sua situação e, em muitos casos, conhece sua origem. Ela pode ter sofrido agressão, negligência e violência e, provavelmente, tenha vivido uma ruptura emocional muito severa e nem sempre estará pronta para refazer laços cortados.

Segundo Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro (2018), a adoção tardia é preferida por casais que já passaram pela experiência parental e por pessoas que não possuem a disponibilidade ou o desejo de cuidar de recém-nascidos. Em geral, a maioria dos pretendentes à adoção opta por crianças menores. A respeito disso, Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015, p. 313) pontuam que

Frequentemente, a justificativa para preferência por bebês aparece relacionada com a dificuldade na educação de uma criança maior e com a busca por melhor adaptação entre pais e filhos sem interferência de aprendizados anteriores. Trata-se de

uma tentativa de amenizar as consequências de vivências que a criança possa trazer consigo, satisfazendo, assim, o anseio da família de reproduzir um modelo biológico.

Os desafios comumente encontrados pelos pais que adotam crianças maiores são geralmente embasados nas vivências anteriores da criança e dos possíveis “traumas” que elas carregam consigo. Entretanto, boa parte destas dificuldades se dão em especial no processo de adaptação, que pode levar aproximadamente 02 anos, como sugere Souza (2008).

Contudo, os chamados “comportamentos regressivos” que podem apresentar algumas crianças no processo de adaptação, não são uma regra, visto que cada processo é único e conta com suas características particulares (CAMPOS, 2016). Souza (2008, p. 55) aponta que “pais preparados para a adoção de uma criança mais velha constroem vínculos afetivos com o filho e ele “aprende a ser filho”: lentamente aceita as regras de seu lar e se adapta à nova realidade”.

Certamente, o desafio é constante, e exige dos pais tempo, disponibilidade, esforço e paciência, para que seja construída a nova estrutura de vínculos na dinâmica familiar, e essa modificação inicia-se no pensamento social, ou seja, nas representações sociais.

De forma sintética, o conceito de Representações Sociais formulado por Moscovici busca compreender as ideias cristalizadas formuladas socialmente a respeito de determinados fatos, além disso, identificar as produções de comportamentos embasados nas experiências sociais, de forma individual e coletiva. Segundo a teoria, as Representações Sociais podem ser geradas a partir de dois processos, para que aconteça a assimilação do conteúdo não-familiar: a ancoragem e a objetivação (REIS; BELLINI, 2011). A ancoragem, para Moscovici (2004), é o processo pelo qual buscamos classificar, encontrar um lugar e dar nome a alguma coisa para encaixar o não-familiar. Pela nossa dificuldade em aceitar o estranho e o diferente, esse é, portanto, percebido como ‘ameaçador’. A respeito da objetivação ou objetificação, como

também é chamada, o mesmo autor explica que “da soma de experiências e memórias comuns, extraímos as imagens, a linguagem e os gestos necessários para superar o conflito gerado pelo saber não-familiar” (MOSCOVICI, 2004, p.78). De forma resumida, rematamos que

Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória. A ancoragem mantém a memória em movimento, a qual é dirigida para dentro e está sempre armazenando e excluindo objetos, pessoas e acontecimentos classificados e nomeados por essa ancoragem de acordo com os seus tipos. A objetivação, mais ou menos direcionada para fora (para outros), elabora conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior (MOSCOVICI, 2004, p. 78).

O ser humano tem, por natureza, a necessidade de formar sua opinião a respeito dos fenômenos sociais, e assim o faz, baseado nas experiências que adquire na convivência social. Para Moscovici (1978), representar um objeto, ao conferir-lhe o status de um signo, é conhecê-lo, tornando-o signifiante, ou seja, tornar familiar o não familiar.

Metodologia

Trata-se de pesquisa descritiva e exploratória, caracterizada como qualitativa e quantitativa. Participaram da pesquisa 55 requerentes em processo de habilitação para adoção da Comarca de Criciúma/SC. O número de participantes foi definido com base na quantidade de pretendentes na comarca que possuíam determinação judicial para participar do Curso Preparatório para Pretendentes à Adoção do ano de 2018, conforme é previsto na lei 12.010/2009. Responderam à pesquisa os pretendentes que possuíam determinação judicial solicitando a participação no curso para andamento do processo. Tratou-se de uma amostra composta por 28 mulheres e 27 homens, com idades entre 22 e 55 anos, de religião predominantemente cristã, entre católicos e evangélicos.

Os instrumentos foram aplicados por meio de um formulário empregado no primeiro encontro do Curso, que foi reaplicado no último encontro. Neste formulário foram solicitados dados de caracterização do participante: idade, sexo, religião, renda aproximada, estado civil, constituição familiar e uma possível idade da criança pretendida.

Para a coleta de dados utilizou-se o *teste de evocação livre*, que consiste, basicamente, em “pedir ao indivíduo que produza um número específico de palavras a partir de um ou mais termos indutores” (MOREIRA, 2005, p. 575) e o *teste de objetificação*, que constitui na apresentação de imagens selecionadas pela pesquisadora com base nos resultados de pesquisas em mídias sociais, imagens estas que possam representar a adoção tardia, dando-lhe concretude. A objetificação, ou objetivação, segundo Trindade, Santos e Almeida (2014, p. 146) tem por objetivo “transformar o que é abstrato, complexo ou novo em imagem concreta e significativa, apoiando-se em concepções que nos são familiares”, desta maneira, pede-se que o participante assinale uma quantidade pré-determinada de imagens que, para ele, mais se relacionam com um tema específico.

Para verificação dos resultados obtidos com o *teste de evocação livre*, os dados foram transferidos para uma planilha e analisados com o auxílio do software Iramuteq, o qual fornece dados para análise prototípica³, indicando as frequências de evocação, bem como as zonas nuclear e periféricas das representações sociais e o gráfico para análise de similitude (agrupamento de elementos semelhantes). O núcleo central, ou zona nuclear da representação, compreende os elementos consensuais que definem a representação e organizam os demais elementos, sendo geralmente mais abstratos (WACHELKE, 2009). Em contrapartida, as zonas periféricas referem-se aos “aspectos mais particulares da representação, por meio dos quais atores sociais isolados a adaptam a situações específicas do cotidiano. São elementos que tratam de aspectos mais individualizados, regidos pelos elementos centrais” (WACHELKE, 2009).

O teste de objetificação forneceu dados estatísticos a respeito da frequência das imagens escolhidas pelos requerentes.

Resultados e discussões

Esta análise é fruto dos resultados obtidos no *teste de evocação livre* das primeiras palavras que vieram à mente dos participantes quando convidados a pensar sobre “adoção tardia”. A partir dos resultados obtidos identificaram-se 263 evocações de 100 palavras diferentes. A frequência média das evocações foi de 4,88 e a ordem média de evocação (OME) foi de 2. Com base na análise realizada, foi possível verificar que as palavras prontamente evocadas e com maior frequência estão relacionadas a aspectos neutros ou positivos associados a sentimentos e características desejáveis à família a ser formada (Tabela 1).

Tabela 1 - Diagrama das evocações a partir do termo indutor “adoção tardia” – aplicação inicial. (n=214).

OMI < 2,8				OMI > 2,8		
	Elemento	F*	OMI*	Elemento	F	OMI
f >= 4,88	Amor	33	1,5	Medo	14	3,2
	Adaptação	14	1,9	Educação	10	3,7
	Família	13	1,8	Preconceito	8	3,9
	Paciência	7	2,7	Carinho	7	3,1
	Responsabilidade	6	2,8	Dificuldade	5	3,2
				Desafio	5	3,4
f < 4,88	Respeito	4	2,8	Burocracia	4	3,8
	Afeto	4	2,5	Conhecimento	4	3,5
	Companheirismo	3	2,3	Aceitação	4	4,2
	Convivência	3	2,3	Rejeição	4	3,8
	Alegria	2	2	Doação	4	3,2
	Felicidade	2	2,5	Compreensão	3	4
	Proteção	2	2,5	Acolhimento	3	3
	Relação	2	2,5	Empatia	3	3,3
	Insegurança	2	2	Experiência	3	3,7
	Filho	2	1	Esperança	3	5

Parceria	2	4
Amizade	2	5
Rebeldia	2	3
Atenção	2	4
Agressividade	2	4
Ansiedade	2	3,5
União	2	3,5
Lar	2	3,5
Personalidade	2	4
Futuro	2	3,5
Demora	2	3

*F= Frequência; OMI= Ordem média de importância
 Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme a Tabela 1, observou-se, no quadrante superior esquerdo, a presença dos elementos que possivelmente organizam a representação social da “adoção tardia”. O quadrante superior esquerdo engloba os elementos mais prováveis de constituir o núcleo central da representação, por serem considerados mais importantes pelos participantes (SÁ, 1996). Nesse quadrante, destacam-se os elementos *amor, adaptação, família e responsabilidade*, sendo estes os prováveis elementos centrais da representação.

Após análise prototípica, considerando a ordem de importância para os participantes, foi realizado o teste para verificação do núcleo da representação. Nesse, a palavra desafio foi retirada, ou seja, foi considerada menos importante para os participantes. Em seu lugar os participantes escolheram a palavra paciência com $f=7$ e $OMI= 2,7$. Desse modo, o núcleo da representação de adoção tardia parece considerar que a família ideal é aquela que ama, tem paciência, responsabilidade. No que concerne a palavra adaptação essa pode representar um receio da adaptação ou consciência da necessidade dessa. O estágio de convivência, que representa os meses iniciais desta adaptação, é um período importante que não deve ser apressado, uma vez que é nele que comu-

mente surgem os desafios típicos da adoção tardia como os comportamentos regressivos e a agressividade, e o acompanhamento da equipe multiprofissional neste momento é fundamental (CAMPOS, 2016). A adaptação pode ser marcada por fases difíceis, mas, com os atributos de uma família ideal, que são considerados fundamentais pelos participantes citados anteriormente, estas fases podem ser superadas:

Adotar uma criança maior às vezes pode ser parecido com casar com uma pessoa após um breve namoro: você estava apaixonado e achava que seriam “felizes para sempre”, mas na convivência diária descobre que não a conheci direito, suas características pessoais, suas “manias”, seus “defeitos”. Essa situação pode levar ao divórcio, mas, se o casal investe na relação com amor e ambos procuram superar suas divergências, o vínculo se fortalece (CAMPOS, 2016, p.1).

elementos do quadrante superior direito e inferior esquerdo têm uma posição intermediária, indicando que são elementos que não compõe o núcleo central, mas que estão próximos dele compondo a periferia próxima, e são a parte mais acessível da representação (ABRIC, 2003). Os elementos que compõe o quadrante superior direito são medo, educação, preconceito, carinho, dificuldade e desafio. Tendo em vista que o elemento paciência tornou-se núcleo da representação, enquanto desafio tornou-se elemento periférico, após confirmação da ordem de importância das palavras. Portanto, a parte mais acessível à intervenção das crenças dos participantes refere-se as expectativas sobre a chegada da criança/adolescente, abrangendo os temores em relação a sofrer preconceito ou terem preconceito, bem como aos obstáculos que podem se colocar neste processo. Além disso, a palavra educação pode estar relacionada às questões da história da criança/adolescente, à necessidade de internalização das normas e regras e à ideia de que precisarão colocar em foco essa educação para que não haja desvio de conduta.

Dentre os elementos do quadrante inferior esquerdo destacam-se elementos positivos como: *respeito, afeto, companheirismo, alegria, felicidade*. Elementos neutros como: *relação, convivência e filho*. E elementos negativos como insegurança. Neste quadrante estão os sentimentos tidos como essenciais no processo de construção de família por meio de adoção tardia, assim, espera-se, por exemplo, o *respeito e o afeto*. São elementos considerados relevantes a convivência e a relação com este filho, porém, a insegurança pode ser algo presente no que concerne a conseguir alcançar respeito e companheirismo em uma boa convivência.

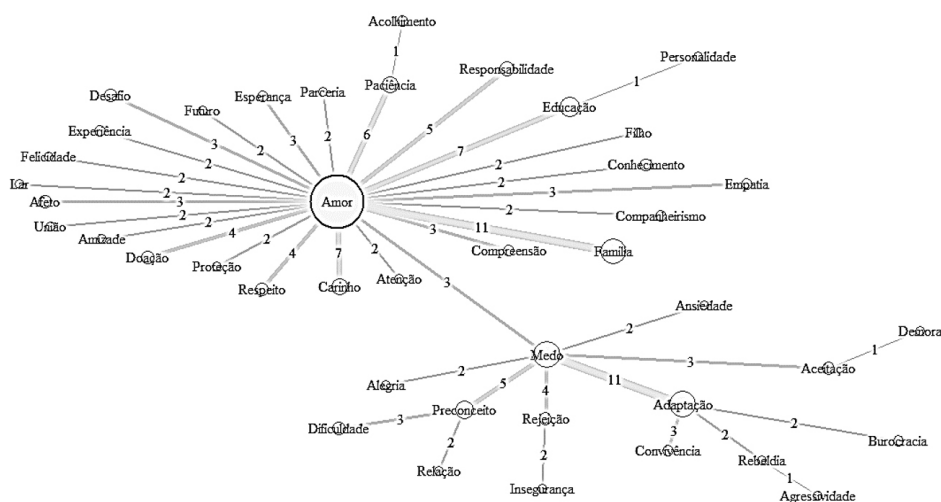
O quadrante inferior direito é composto pela periferia distante, longe do núcleo. Neste quadrante, os elementos *burocracia, aceitação, rejeição e doação*, aparecem com maior frequência. A burocracia é tida como um dificultador do processo de adoção, tanto pelo viés da família adotante quanto pela perspectiva da demora do encaminhamento das crianças que, conforme discurso popular, “envelhecem nos abrigos por causa da demora da justiça”. A palavra aceitação pode se vincular à adoção tardia após a aceitação de que adotar um bebê demora em demasia. Além disso, pode se vincular também a ser aceito e aceitar esse novo membro familiar, denotando o medo de rejeitar e ser rejeitado. A palavra doação parece se associar à necessidade de empenho integral por parte da família, colocando a adoção tardia como um ato altruísta. O fator altruísmo na adoção tardia também foi encontrado por Ebrahim (2001), que aplicou uma escala de verificação de altruísmo em pretendentes à adoção, comparando os resultados entre os pretendentes à adoção tardia e à adoção convencional (de crianças pequenas), concluindo que o altruísmo aparece em maior escala no primeiro grupo.

Ainda no quadrante inferior direito estão aspectos relacionados ao passado da criança e sua história de vida, pressupondo uma *personalidade desconhecida*, uma possível *rebeldia, agressividade* e que, nesse contexto, a família precisaria *acolher* e dispor de *em-*

patia, atenção, compreensão. Ainda nesse contexto a adoção está associada a dar um futuro, um lar à esta criança, que no pensamento popular significaria “oferecer uma *esperança* pra ela”, corroborando o fator altruísta citado anteriormente.

As evocações foram agrupadas em categorias com proximidade semântica, o que resultou em 43 categorias diferentes em uma imagem. Essa representação gráfica é denominada de árvore, que mostra a relação entre as categorias a partir de um filtro mínimo de co-ocorrências (número de ligações entre dois elementos específicos). Nos vértices, encontram-se as categorias e nas arestas, a co-ocorrência destas categorias, com um valor numérico que representa o grau de conexão.

Figura 1 - Árvore dos elementos associados à “adoção tardia” – aplicação inicial. Filtro 1. (n=43).



Fonte: Elaboração dos autores.

O elemento Amor aparece conectado a elementos como parceria, esperança, doação, lar, educação, experiência e futuro. O elemento paciência está ligado ao elemento acolhimento. O elemento educação se conecta ao elemento personalidade. Portanto, a adoção tardia associa-se majoritariamente ao amor e este parece associado à caridade em suas

conexões. Nesta análise a educação parece estar associada à personalidade o que reafirma a hipótese de que essa esteja no sentido de moldar a personalidade, no linguajar comum a criança pode ter sido “malcriada”.

O Amor também surge igualmente associado ao medo, o que nos leva a crer que o primeiro pensamento é o amor, mas logo alguns participantes percebem que só ele não basta e com isso se amedrontam. Os medos envolvem majoritariamente adaptação durante o período de convivência, adaptação diante de uma possível rebeldia e agressividade. Assim, teme-se uma criança agressiva e rebelde que dificultará a adaptação da família como um todo. Surge igualmente um medo de ser rejeitado pela criança, o que conduz à insegurança frente à decisão de adotar uma criança mais velha. O medo da rejeição também é observado por Weber (2008), que aponta como uma fantasia dos adotantes em relação à família biológica, onde há o medo de futuramente perder o seu filho para os genitores, medo de que o filho adotado pense que eles não o amam de verdade.

O medo aparece relacionado à alegria. Assim, mesmo com medo, algumas pessoas preferem seguir o processo, com todos os desafios, cientes da possibilidade da alegria.

Nessa análise também é corroborada a ideia da análise prototípica, em que a aceitação está relacionada à necessidade de conformar-se com a ideia de que a adoção de recém-nascidos “demora” (uma ocorrência). Portanto, para alguns participantes a adoção tardia representa única saída para a realização do desejo de exercer a parentalidade, o que pode ser considerado perigoso do ponto de vista do prognóstico dessa adoção, uma vez que esta modalidade conta com características peculiares e exige preparação diferenciada (CAMPOS, 2016).

Por fim, o medo também aparece vinculado ao preconceito. Há o preconceito social diante da relação de vínculo parental por adoção o que representa uma dificuldade para a continuidade do processo. Segundo Campos (2016, p.3), comentários e questionamentos, principalmente de pessoas próximas

[...] reacendem ansiedades e medos dos pais adotivos sobre “uma possível hereditariedade patológica” ou de que a criança não possa ser capaz de se recuperar das “feridas do passado”, independentemente do amor, do cuidado e da educação oferecidos.

Na segunda aplicação, que ocorreu após o curso, foram 245 evocações de 39 palavras diferentes. A frequência média de repetição das palavras foi de 5,3.

Tabela 2 - Diagrama das evocações a partir do termo indutor “adoção tardia” – aplicação final. (n=245).

OMI < 2,8				OMI > 2,8		
	Elemento	F	OMI	Elemento	F	OMI
f ≥ 5,03	Amor	38	2,4	Carinho	9	3,2
	Adaptação	12	2,7	Esperança	7	3,9
	Medo	10	2,2	Paciência	7	3,7
	Família	10	2,1	Respeito	6	4,2
	Compreensão	7	2,7	Afeto	6	3,5
	Responsabilidade	6	2,5			
f < 5,03	Insegurança	5	2,2	Persistência	5	4,4
	Doação	5	2,2	Desafio	5	3,2
	Educação	3	2,3	Alegria	4	3,5
	Dificuldade	3	1,7	Convivência	3	4,7
	União	3	2,7	Dedicação	3	4
	Realização	3	2,7	Carência	3	3
	Passado	3	1,7	Rebeldia	2	3
	Preconceito	2	2,5	Irmãos	2	3
	Trauma	2	2,5	Comportamento	2	4
	Idade	2	1	Atenção	2	4
	Controle	2	2,5	Felicidade	2	4
	Problemas	2	2	Resiliência	2	4
	Oportunidade	2	2	Família	2	3
	Coragem	2	1	Companheirismo	2	3,5

Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme a Tabela 2, observou-se no quadrante superior esquerdo a inserção das palavras *compreensão* e *medo*, ao passo que a palavra *desafio* saiu do quadrante. Esse novo agrupamento denota que após o curso, os pretendentes passaram a entender a adoção como algo que necessita de compreensão, e não apenas como um desafio a ser enfrentado. Entretanto, depois de conhecer mais sobre as implicações de uma adoção tardia, o medo passou a fazer parte do núcleo da representação. Poderíamos pensar que os participantes saíram do curso com mais medo e, automaticamente, pensar nisso como algo negativo. *“Entretanto, é possível acreditar que o medo suscitou, em mais participantes ao final do curso, a possibilidade da adoção tardia. Essa cogitação se deu devido aos novos acontecimentos que os fizeram perceber que a adoção tardia pode ser algo possível, incluindo-a em seu rol de possibilidades. É nesse sentido que surge o medo e a dúvida: aceitar ou não uma criança maior.*

Além disso, pode-se pensar também na hipótese de os participantes terem tomado mais consciência dos seus medos, supondo que, medos que estavam na zona muda das representações sociais passassem a compor o núcleo de sentido, e nessa condição, tornam-se passíveis de mudança, uma vez que o núcleo ainda pode se tornar periferia, mas a zona muda é inacessível. Essa tomada de consciência, no caso desse grupo de participantes do curso, deu-se por meio da intervenção baseada na informação. A informação, segundo Moscovici (1978), é uma das constituintes de uma representação social, e diz respeito à importância dos conhecimentos que um indivíduo ou um grupo possui sobre um determinado objeto. Desse modo, pode-se concluir que, intervir em um determinado grupo por meio de informações convincentes que contrapõe suas antigas crenças, pode modificar uma representação social (MOSCOVICI, 1978). O processo de mudança, nesse sentido, diz respeito à integração de uma nova informação no campo da percepção e a consequente adoção de novas atitudes (MUGA, 1998).

Após análise prototípica, considerando a ordem de importância para os participantes, para confirmar o núcleo da nova representação a palavra compreensão foi retirada, ou seja, foi considerada menos importante para os participantes.

Os elementos que compõe o quadrante superior direito, após o curso, abarcam *esperança, paciência, respeito, afeto*, portanto, os elementos relativos à *educação, preconceito, dificuldade e desafio* passaram a fazer parte da periferia mais distante. Neste sentido, pode-se pensar que os aspectos inseridos neste quadrante fazem menção a aspectos da preparação psicológica que os participantes indicaram na CHD, se antes foram enfatizadas as dificuldades, agora foram apontadas as potencialidades.

Dentre os elementos do quadrante inferior esquerdo destacam-se, agora, elementos como: *oportunidade, união e educação*, que podem se associar a formas de passar pelo processo de adaptação. No caso das palavras oportunidade e passado, essas podem ser positivas ou negativas: no caso da primeira, positiva quando se pensa na adoção tardia como uma oportunidade de ser pai/mãe, e negativa quando ela está associada à caridade, em oferecer “uma oportunidade para uma criança”; no caso da segunda: positiva quando se pensa na necessidade de reconhecer que a criança acolhida traz consigo uma história de vida, que precisa ser considerada de forma empática, e negativa quando esta vem em alusão a um possível “passado sombrio”, que prejudicará a adaptação. Elementos evidentemente negativos como *rebeldia e problemas*, podem estar associados ao mito popular de que “criança adotiva dá problemas”, geralmente associado à *rebeldia*. Este aspecto negativo foi apontado por menos participantes na última aplicação, mas segundo a análise, os poucos que trouxeram essa representação consideraram estes fatores muito importantes. Isso pode sugerir que, para atingir as crenças de alguns participantes, apenas o método informativo não é suficiente, sendo necessário, talvez, que outros aspectos constituintes dessa representação social fossem atin-

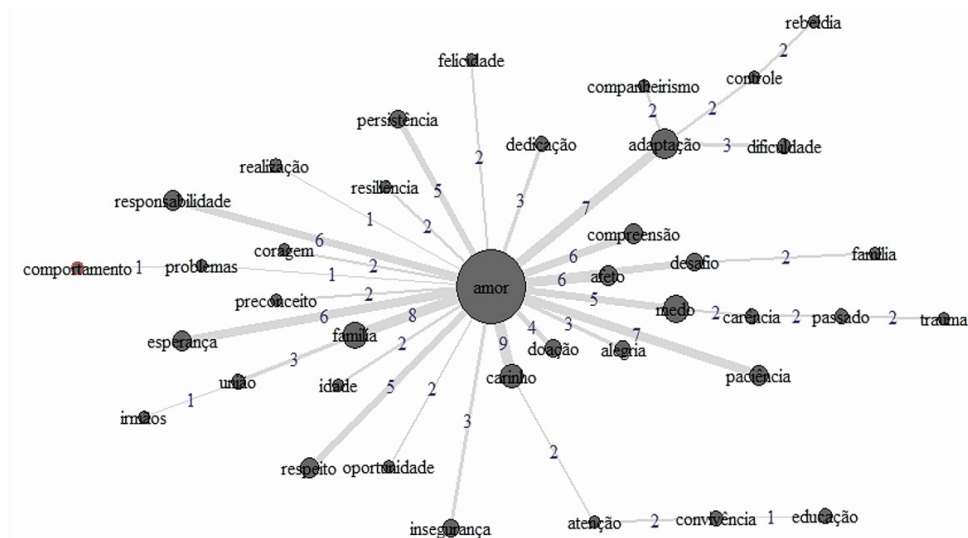
gidos, como o contato com experiências diferentes daquelas que eles acreditam ser unânimes, por exemplo, uma vez que “as transformações duráveis são provocadas por experiências novas em relação ao objeto representado” (MUGA, 1998, p. 53).

O quadrante inferior direito é composto pela periferia distante, longe do núcleo. Neste quadrante, apenas a palavra *doação* apareceu na segunda análise. O elemento *burocracia* desapareceu deste quadrante, dando a ideia de que após o curso, os participantes tomaram conhecimento da realidade processual. O elemento *rejeição* também não foi lembrado pelos participantes na segunda aplicação; em seu lugar surgem palavras como *persistência*, *convivência*, *dedicação* e *resiliência*, o que denota que tanto elementos periféricos secundários quanto o núcleo da representação sofreram rearranjos, provavelmente em decorrência de maior autoconhecimento e heteroconhecimento.

Ainda no quadrante inferior direito a palavra *agressividade* é substituída pela palavra trauma, o que pode significar que os participantes adquirem um olhar mais empático ao compreenderem o sofrimento pelo qual pode ter passado a criança adotada tardiamente, deixando de responsabilizá-la por um comportamento “agressivo”.

As evocações foram agrupadas em categorias com proximidade semântica, o que resultou em 39 categorias diferentes em uma imagem. Conforme indicado anteriormente, nos vértices, encontram-se as categorias e nas arestas, a co-ocorrência destas categorias, com um valor numérico que representa o grau de conexão, conforme a figura a seguir:

Figura 2 - Árvore dos elementos associados à “adoção tardia” – aplicação final. Filtro 1. (n=39).



Fonte: Elaboração dos autores.

O elemento *Amor* está conectado a elementos como *dedicação*, *persistência*, *resiliência*, *realização*, *responsabilidade*, *família*, *respeito*, *insegurança*, *oportunidade*, *preconceito*, *doação* e *carinho*. Ao que tudo indica, os participantes passaram a observar aspectos internos necessários para a adaptação, porém, também tornaram conscientes as suas inseguranças e os preconceitos relacionados. Desse modo, a adoção tardia surge como algo mais concreto no pensamento social, desmistificando algumas crenças ilusórias a respeito do mundo da adoção, que deixa de ser algo idealizado e passa a fazer parte de um plano real. Não mais se trata de “dar um futuro” ou “oferecer uma chance” a uma criança abandonada, mas de perceber a própria implicação neste processo.

O amor ainda surge associado ao *medo*, entretanto, com menor número de co-ocorrências. Este medo, agora, não é associado às características da personalidade da criança, mas a ter que lidar com a *carência*, o *passado* e o *trauma*. Neste sentido, a garantia de que o atendimento psicológico é eficaz ameniza o medo.

A *adaptação*, antes do curso, estava vinculada ao medo e a agressividade, agora surge vinculada ao *amor, companheirismo, dificuldade e controle*, portanto, numa perspectiva de enfrentamento. O controle por sua vez aparece associado a *rebeldia*, ou seja, a *rebeldia* passa a ser vista como “*controlável*”, passível de modificação.

O *amor* também aparece associado ao *afeto*, este associado a desafio, que por sua vez está associado a *família*. Isso pode sugerir que o *afeto* e o *amor* surgiriam como recursos para lidar com o desafio de se tornar, de fato, uma *família*. Portanto, mais uma vez, aspectos de retrocesso foram substituídos por possibilidades na continuidade da adoção tardia.

Por fim, o amor surge relacionado ao *carinho, atenção, convivência e educação*, que são aspectos considerados importantes para a recepção de um novo membro na família.

Teste de objetificação de imagens

Por meio do teste de objetificação de imagens, onde os participantes assinalaram as imagens que consideraram estar mais relacionadas com a adoção tardia, pode-se, por meio de método estatístico, elaborar um comparativo entre as escolhas dos participantes na aplicação inicial e final. Para identificar as imagens, elas foram nomeadas de acordo com o que representam.

Tabela 3 - Índice de escolha das imagens na primeira aplicação em ordem decrescente.

Imagem	% de participantes que assinalaram
Adoção de adolescentes/Adoção inter-racial	72,5
Correr para o encontro	56,8
Família Feliz	54,9
Mãos Unidas/Afeto	52,9
Adolescente no quarto de bebê	41,17
Adoção de grupo de irmãos	37,2

Menina chorando	29,4
Menino com raiva/Rebeldia	23,2
Adolescentes abordados pela polícia	17,6
Metamorfose/Transformação	9,8
Tal pai, tal filho	5,8

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela 4 - Índice de escolha das imagens na segunda aplicação em ordem decrescente.

Imagem	% de participantes que assinalaram
Família Feliz	83,3
Adoção de adolescentes/Adoção inter-racial	81,2
Correr para o encontro	64,5
Adoção de grupo de irmãos	50,0
Adolescente no quarto de bebê	37,5
Mãos Unidas/Afeto	31,2
Menino com raiva/Rebeldia	16,6
Adolescentes abordados pela polícia	10,4
Metamorfose/Transformação	10,4
Menina chorando	6,2
Tal pai, tal filho	2,0

Fonte: Elaboração dos autores.

Analisando os dados das tabelas, é possível constatar que já no questionário inicial, as imagens que demonstram aspectos positivos como “correr para o encontro” e “família feliz”, por exemplo, tiveram um índice maior de escolha, entretanto, este índice aumentou ainda mais na última aplicação, o que pode indicar que os requerentes chegam ao final do curso com uma imagem mais positiva da adoção tardia, conseguindo vislumbrar esta modalidade de adoção como algo mais “possível” de se realizar. Isso não significa que o curso tente vender uma imagem distorcida da realidade, do contrário, os participantes são informados de forma clara a respeito das dificuldades que podem surgir, mas, na mesma intensidade, recebem o

conhecimento que lhes oferece subsídios de como lidar com estas dificuldades e porque elas aparecem e, diante disso, passam a perceber a adoção tardia como uma possibilidade.

Segundo Sequeira e Stella (2014, p. 70), com a experiência do curso

[...] os pretendentes podem ressignificar conflitos e afetos, trabalhar sentimentos e emoções despertados pelo processo de adoção, além de trocar vivências com outras pessoas que passam pela mesma situação, desmistificando alguns conteúdos, revendo preconceitos, o que contribui para alterar a diferença entre o perfil de crianças que os candidatos buscam com o perfil de crianças a serem adotadas.

Com o aumento de escolhas por imagens positivas, consequentemente, a escolha por imagens que podem ser relacionadas com o estigma social que envolve a adoção de crianças maiores, comumente negativas, diminuiu. Destaca-se a imagem “menina chorando”, que pode estar relacionada com a ideia de que crianças adotadas no período da segunda infância apresentarão necessariamente mais episódios de “birras” e choros, na primeira aplicação foi assinalada por 29,4% dos participantes e, ao final do curso, apenas 6,2% dos participantes relacionou essa imagem, ou seja, relacionou este comportamento à adoção. Isso pode ter ocorrido porque os participantes são convidados a refletir acerca dos comportamentos que são naturais à cada fase do desenvolvimento infantil, seja a criança adotada ou não.

Neste mesmo caminho, a imagem “tal pai, tal filho”, que representa simbolicamente o condicionamento da genética na personalidade, teve uma queda expressiva no índice de assinalamentos, ao mesmo tempo que “metamorfose”, a imagem que representa a transformação, ganhou novos votos ao final do curso.

Os dados obtidos na comparação entre a frequência de escolha entre as duas imagens citadas pode significar que muitos participantes desprenderam-se do mito dos “laços de sangue”, ou seja, da ideia de que a genética será fator primordial na personalidade do filho adota-

do, abrindo-se para a ideia de que um novo lar, com uma dinâmica familiar pautada no amor e no cuidado podem ser transformadores e ter mais peso que o passado traumático ou que a hereditariedade, como as pesquisas têm sugerido (BERTHOUD, 1997; LEVINZON, 2004; CECIF, 2001). Neste sentido, acredita-se que a criança, que sofreu ruptura com as figuras às quais esteve vinculada anteriormente, “pode reconstruir o seu eu primário a partir das novas representações dela própria, das quais participa, fundamentalmente a interiorização das novas imagens parentais” (VARGAS, 1998, pg. 36).

A imagem representada por dois adolescentes sendo abordados pela polícia também vem nesta direção, demonstrando a crença que associa adolescentes adotados com futuros problemas com a criminalidade. A ideia popular de que crianças que conviveram com a criminalidade, depois de adotadas se tornam “revoltadas”, “rebeldes” e “causam problemas” parece também ter sido amenizada com os mesmos argumentos explorados anteriormente, já que a escolha por esta imagem também diminuiu.

Considerando o conceito da objetificação de imagens, que confere concretude às ideias que permeiam as crenças dos participantes (TRINDADE, SANTOS E ALMEIDA, 2014) e, comparando as duas aplicações da pesquisa, pode-se concluir que este último teste confirma as interpretações das análises anteriores, uma vez que, se a objetificação mudou, significa que as representações mudaram.

Em tempo, se faz importante discutir a respeito da imagem do adolescente que brinca em um quarto de bebê. Pode-se dizer que, simbolicamente, essa imagem representa a expectativa versus realidade de uma adoção. Isso porque muitos pretendentes, ao procurar o processo de adoção, idealizam receber um recém-nascido, mas ao se deparar com a informação de que isso poderá levar anos para acontecer, acabam por se abrir a uma adoção tardia para minimizar esse tempo de espera. Souza (2008, pg. 29) adverte que esse é um sinal de possíveis problemas e dificuldades, complementando que “É importante refletir

sobre as idealizações e pensar no filho real, aquele que virá. Esse filho deve ser aceito com suas características físicas e psicológicas, talvez muito diferentes das pretendidas”. Embora a escolha por essa imagem tenha diminuído ao final do curso, o índice de assinalamentos continua expressivo, o que fornece à equipe técnica um dado importante a ser observado nas avaliações psicológicas desses casais quando esses chegarem nesta etapa.

Considerações finais

A pesquisa realizada identificou que o núcleo das representações sociais dos pretendentes ao cadastro de adoção da comarca de Criciúma em 2018 é composto por elementos positivos, sendo o amor elemento central desta representação. Na segunda aplicação, o medo também passou a compor este núcleo, indicando que os participantes adquiriram maior autoconsciência e que mais participantes passaram a cogitar a adoção tardia. Segundo os resultados obtidos, os medos relacionados a adoção tardia podem estar ancorados em mitos como o dos “laços de sangue”, crença que coloca a genética como fator determinante no desenvolvimento da personalidade. Em relação a objetivação destas representações, foi possível perceber que os participantes chegaram ao final do curso com uma imagem mais positiva da adoção tardia, percebendo-a como algo mais possível.

Mesmo que as informações suscitem o medo, tomar consciência destes é um passo importante para a mudança dos próprios pensamentos e atitudes; essa tomada de consciência, autoconhecimento, abre espaço para que tais medos possam ser trabalhados, para que diante deles possa-se tomar uma posição consciente. No caso da adoção tardia, tomar consciência dos medos faz com que, analisando estes medos eu possa decidir entre encará-los (consciente do que assumirei), ou perceber que diante das minhas demandas e desejos não estou preparado para enfrentar este desafio, o que seria uma atitude prudente.

Os resultados da pesquisa mostram que a experiência no grupo de preparação promoveu modificação na forma como os pretendentes enxergam o fenômeno da adoção tardia, trazendo a ela uma conotação mais positiva. De forma concreta, analisando o perfil pretendido antes e depois dos encontros, foi possível constatar que os pretendentes de modo geral ampliaram as idades da criança pretendida, o que confere uma metodologia positiva ao curso. Uma sugestão cabível diante das análises é a inclusão de outras táticas além da informação, como apresentar mais casos reais e positivos de adoções tardias, convidando famílias que falem a respeito das dificuldades e das superações para participar dos encontros com mais frequência, por exemplo.

Referências

ABRIC, Jean Claude. *Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes*. In: Campos PHF, Loureiro MCS (Eds). *Representações sociais e práticas educativas*. Goiânia: Ed. Da UCG; 2003. p. 37-57.

BERTHOUD, Cristina Mercadante Esper. *Filhos do coração*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997, 160 p.

BRASIL. *Dispõe sobre adoção*. Lei federal nº 12.010, de 03 de Agosto de 2009.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

CAMPOS, Niva Maria Vasques. *Adoção tardia: características do estágio de convivência*. TJDF: 2016. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/publicacoes-textos-e-artigos/textos-e-artigos/adocao-tardia/view>>. Acesso em: 13 maio 2019.

CECIF (org). *101 Perguntas e Respostas sobre Adoção*. São Paulo: Organização CeCIF, 2001.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a10v20n3.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

EBRAHIM, Surama Gusmão. Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 1, 2001, p. 73-80. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5208.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

LEVINZON, Gina Khafif. *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 147p.

MOREIRA, Antônia S. P. (Org.). *Perspectivas teórico metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: EdUEPB, 2005. p. 573-603.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: Revisão integrativa de literatura. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.175-194, 2015. Disponível em: <http://pep-sic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004

MUGA, Henrique Antônio. *Representações sociais da mudança social*. 1998. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Universidade do Porto, Porto, 1998. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/pub_geral.show_file?pi_doc_id=21524>. Acesso em: 19 maio 2019.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. *Acta Scientiarum. Human And Social Sciences*, [s.l.], v. 33, n. 2, p.149-159, 19 dez. 2011. Universidade Estadual de Maringa. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/10256/pdf>>. Acesso em: 27 maio 2018.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1996.

SAMPAIO, Débora da Silva; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Pedras no Caminho da Adoção Tardia: Desafios para o Vínculo Parento-Filial na Percepção dos Pais. *Temas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p.311-324, mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832018000100311&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 maio 2018.

SEQUEIRA, Vania Conselheiro; STELLA, Claudia. Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. *Psicologia: Teoria e prática*, São Paulo, v. 16, n. 1, p.69-78, abr. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n1/06.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2019.

SOUZA, Hália Pauliv; CASANOVA, Renata Pauliv de Souza. *Adoção e a preparação dos pretendentes*: Roteiro para o trabalho nos grupos preparatórios. Curitiba: Juruá Editora, 2014. 166p.

SOUZA, Hália Pauliv. *Adoção*: Exercício da fertilidade afetiva. São Paulo: Paulinas, 2008. 223p.

TRINDADE, Zeidi Araujo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. *Ancoragem*: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ARAUJOTRINDADE, Zeidi (Org.). *Teoria das Representações Sociais*: 50 anos. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. Cap. 3. p. 133-162. PDF. Disponível em: <http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS_50_anos2aEd-Final15mar15.pdf> Acesso em: 29 maio 2018.

VARGAS, M. M. *Adoção Tardia*: da família sonhada à família possível. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

WACHELKE, João Fernando Rech. Índice de Centralidade de Representações Sociais a partir de Evocações (INCEV): Exemplo de Aplicação no Estudo da Representação Social sobre Envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [s.l.], v. 1, n. 22, p.102-110, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/14.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s.l.], v. 27, n. 4, p.521-526, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400017&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 12 maio 2019.

WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj. *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá, 2008.

Notas

- 1 Bacharel em Psicologia – UNESC, Brasil, ORCID: 0000-0001-5467-2441, e-mail: jerusacbaldessar@gmail.com

- 2 Doutora em Psicologia – UNESC, Brasil, ORCID: 0000-0002-8666-4494, e-mail: amandacastrops@gmail.com
- 3 A análise prototípica baseia-se no cálculo de frequências e ordens de evocação das palavras e foi desenvolvida por Vergès em 1992 (WACHELKE; WOLTER, 2011).